

A Reforma Vista por um Olhar Marginal (na Suíça e na Alemanha)

Por LUIS FELIPE MENDES

INTRODUÇÃO

O movimento Anabatista historicamente tem sido desprezado pela história, mesmo a eclesiástica, visto como uma conseqüência não desejada da Reforma, um defeito no processo polido e perfeito da Reforma Magisterial. Os Anabatistas são o filho bastardo da Reforma. É preciso resgatar um pouco do que se pensava e quais os ideais desta Reforma não oficial, a reforma que foi delineada nas margens da Sociedade e na direção contrária ao poder instituído. Os Anabatistas olharam a reforma com um olhar marginal, excluído, quer os que se envolveram no desafio aberto e hostil, quer os que se submeteram ao martírio por sua visão de fé.

Neste olhar marginal havia um espírito de liberdade, que não se contentou em contestar o Império e a Igreja Romana, mas que queria mudanças mais profundas na sociedade, na própria concepção de igreja e na relação entre os seres humanos, até entre as classes da sociedade de então, mudanças que implicariam na questão dos direitos humanos e no conceito de liberdade, etc.

Este espírito de liberdade tomou posse dos vazios deixados pela Reforma Magisterial, e foi além e fez propostas que levariam séculos para serem encampadas pela sociedade como um todo. Portanto em sua época eram vistos como marginais, hereges, enviados de Satanás, ao mesmo tempo em que devolviam este olhar e viam a Reforma Magisterial e a Igreja Católica como herege, satânica, etc. Esta situação vai evoluindo da teologia para a política e dela para a violência sem restrições.

Na maior parte dos casos, estes libertários pagaram com a vida o seu sonho de liberdade. Há afirmações (da história confessional, portanto há algumas restrições aqui) de que houve mais mortos nesta época do que até mesmo nas origens do cristianismo. Isto mostra a dramaticidade do momento vivido pelos anabatistas e seus contemporâneos.

O cristianismo provou mais uma vez que apesar de sua vocação para a paz, dignidade da vida humana e liberdade, na prática se sente atraído pelo sangue, pela violência, meias verdades e pelo maniqueísmo.

Entendo que não pode se esperar de uma sociedade valores que não fazem parte da sua consciência, do imaginário coletivo que a inspira. Lutero, Calvino, Zwínglio e outros não podem ir além do ambiente que os produziu. Mas é interessante pensar que estes homens – anabatistas - junto com Erasmo e outros, conseguiram compor com suas vidas e reflexões uma história alternativa que lançou sementes que vieram a fazer parte da história da humanidade e vingaram em outras épocas.

“Os anabatistas procuraram alternativas para uma Igreja carente de mudanças... No anabatismo vamos encontrar o protesto evangélico,... Nele encontramos elementos da teologia e piedade medievais, das teologias de Lutero, de Zwínglio e de Calvino, mas também temos que admitir que não é nem católica tampouco protestante. O anabatismo é uma alternativa a católicos e protestantes”.

Era uma frente ampla, um movimento sem consciência de que era, era espontâneo, obcecado

com tudo aquilo que fosse religioso, ansiava por mudanças e pela purificação da igreja. Voltar às origens era o motivo de tudo. Creio que eram o próprio vigor primitivo da Reforma, rebelde, desorganizado e apaixonado, sem arranjos, sem concessões políticas e nem religiosas, não estavam preocupados em agradar a hierarquia, em qualquer uma de suas formas. Tinham a liberdade para pensar e para construir o novo. Essa sanha que de tempos em tempos toma conta do coração do povão (mesmo que recheado por pessoas de outras classes, que tenham o coração voltado para a justiça), dos marginalizados ideologicamente e socialmente. E que normalmente são regados à espada e sangue pelos donos do poder.

O seu desejo era mudança rápida e mortal, de tal forma que os modelos antigos fossem exterminados sem condições de restauração, viam a Lutero e a Zwínglio e outros pregadores como empecilhos neste processo, pela sua lentidão, desconfiavam de sua atitude, achavam que havia algo por trás.

“Comum a eles era também o fato de que, onde apareciam, havia ‘perturbação da ordem pública’, de modo que sempre vamos encontrar a polícia no seu encalço. Reuniam-se às ocultas em casas abandonadas, em barcos no meio de rio, na mata, e liam a Bíblia sem acompanhamento ‘oficial’. As perseguições que sofreram foram terríveis. Podiam ser considerados pessoas acuadas, em peregrinação quase que constante. Eram homens, viúvas, jovens, mulheres grávidas, que eram lançados em prisões, onde apodreciam na maioria das vezes sem renunciar a suas convicções. Eram marginais, sofrendo o martírio. Mesmo assim, sofrimento e martírio não foram capazes de leva-los à unidade. As bases doutrinárias para sua prática batismal, para o martírio e perseguição que sofriam eram tão distintas, que não forneciam base para um consenso mínimo. Restou para eles o estigma de reformadores anárquicos. Neles se gestava a luta moderna por liberdade de opinião e de consciência.”

Temos que acrescentar que havia outras tantas formas de martírios: queimados, línguas arrancadas, afogados (um grande número, ironizando o rebatismo). Esses homens eram movidos por convicções maiores do que a vida, como convém a mártires, a diferença é que como foram derrotadas, as suas histórias se torna a história dos vencidos, eles passam para a história dos vencedores como “perturbadores da ordem pública”, é interessante que o brilhante historiador eclesiástico Martin N. Dreher, não analisa o fato de que estes sofreram perseguições terríveis e foram acuados e portanto não tiveram tempo nem oportunidade de buscarem chegar a unidade. Todas as tentativas de dar uma forma ao movimento ou aos movimentos anabatistas terminaram em chacinas, o que pode explicar a sua falta de unidade, não havia exércitos, nem o Estado por trás deles para garantirem o tempo necessário para construir um movimento unido, aliás o exército estava atrás deles, os perseguindo e os donos do poder mandando mata-los.

“O anabatismo não é uniforme. Houve diversos movimentos anabatistas. Seus primórdios devem ser localizados no início da década de vinte do século XVI. São os anos do ‘crescimento anárquico’ da Reforma. É um período de grande descontentamento em relação ao clero, de agitação anticlerical, de reformas sem perspectivas muito claras... Formavam uma ‘frente’ político-eclesiástica. Os argumentos que formavam a base para sua crítica eram os mais distintos; distintas eram as propostas para uma Igreja e para uma sociedade melhoradas.”

É impossível descrever de forma absoluta as peculiaridades deste movimento, há mais de 50 grupos diferentes. O anabatismo foi o produto de uma manifestação quase simultânea, em diferentes países da Europa, sob a direção de líderes com as mais diversas formações, religiosas, eruditas, humanistas, e até mesmo sem nenhuma preparação formal. Há até mesmo uma dificuldade: qual o critério que se deve usar para determinar qual grupo pertence ao movimento anabatista e qual não? O que é possível fazer é dar uma idéia das crenças mais

comuns entre eles. Uma coisa é certa o batismo não é a sua principal característica, ou aquilo que os define. Este nome foi dado pelos opositores só descrevia uma de suas características, mas não o fundamento de seu sistema de crenças. Anabatista era sinônimo de tudo de ruim. Era o monstro que a todos podia devorar. Mas entre eles, se chamavam de “Irmãos” e um tema comum entre eles, era a volta ao passado, aos direitos antigos, ao modelo de vida da igreja apostólica, aos ensinamentos do Novo Testamento.

Acrescentavam a isto a necessidade de “iluminação interna” que complementaria a Palavra externa. E esta doutrina tinha vários matizes de um grupo ao outro, indo até a extremos que davam espaço a expressões de fé intensamente emotivas.

Em geral davam ênfase à simplicidade, santidade e boas obras. Alguns negavam o ensino generalizado do pecado original, a Ceia do Senhor era vista como um símbolo memorial do sofrimento e morte de Jesus Cristo. Era inaceitável a interferência do Estado sobre a igreja. Ninguém deveria ser coagido em assuntos religiosos, ou condenado por isto. A única punição da igreja seria a excomunhão. Tinham muita tolerância para com todos os grupos. Eram em sua maioria contra o serviço militar, e a participação do crente em postos governamentais. Outros negavam a existência do Diabo, a Trindade, as penas eternas.

Outra área de posições diferenciadas da igreja estatal era a respeito das questões sociais. Este desejo comum aos anabatistas a respeito do retorno à igreja neotestamentária também implicava que a estrutura social deveria ser afetada e igualmente dirigida pelas Escrituras.

Estavam eles convencidos que as leis existiam somente para os injustos e desobedientes, e que aqueles que espontaneamente praticam as leis de Deus, estavam livres de estarem debaixo da obediência da lei, porque obedeciam a uma lei maior. Mas enquanto houvesse ímpios, deveria haver um poder controlador: o Estado, o que obriga os crentes a se submeterem a ele e sofrerem até a perseguição, mas o modelo almejado de uma sociedade compostas por crentes eliminaria a necessidade da existência do Estado.

Quando os anabatistas se posicionavam contra os cargos públicos, serviço militar, votos de fidelidade, ele estava se posicionando contra a Igreja estatal, que considerava herética, mas ao fazer isto se tornava um apátrida e suspeito de traição, pois a igreja atrelada ao estado se tornava um ente só com este. Ao se separar da igreja o anabatista se separava do estado e se tornava subversivo.

Os anabatistas não podiam e não queriam fazer juramentos civis, isto quebrava um dos elos importantes da vida social da Alemanha e da Suíça do século XVI. Ensinavam também que o crente não deveria ter propriedade privada e que deveria buscar viver em forma duma comunidade de bens. Mas neste ponto havia alguns que exigiam este modelo e outros que o colocavam como secundário e não essencial. Isto mexia com a classe dominante e com os excluídos do modelo social vigente.

Por serem considerados subversivos, viam-se obrigados a viverem na clandestinidade, isto acabou por determinar um certo modelo de viver a igreja, e uma certa maneira de vê-la. O progresso do anabatismo foi feito à base de pregadores que iam de cidade em cidade levando o que julgavam ser a mais pura expressão da fé cristã restaurada. Não se julgavam como formadores de um matiz novo da fé cristã, mas se viam como restauradores da fé primitiva dos apóstolos.

Para se manterem na clandestinidade fortaleceram os grupos caseiros, viam a igreja como uma comunidade marcadamente familiar, com amor fraternal e íntimo. Só como pequenos grupos

podiam se manter ocultos dos que os perseguiram. Desenvolveram também um padrão alto e exigente quanto ao julgar uns aos outros. Isto se mantinha pela necessidade de se protegerem, uma traição não seria meramente uma questão religiosa, mas implicaria na morte de vários irmãos. O Compromisso entre os irmãos deveria ser tão profundo, a ponto de enfrentarem juntos a morte.

Em alguns grupos de anabatistas, principalmente aqueles que são posteriores à guerra dos camponeses, surge como forte componente de sua identidade o pacifismo. Isto dentro do contexto do século XVI, onde havia tantos motivos para recorrer à violência, chega a ser surpreendente. Certos grupos desenvolveram uma consciência clara a favor da não violência, contra a guerra, serviço militar, e qualquer outro tipo de violência quer da parte do Estado quer da parte do ser humano individual. Segue um resumo das possíveis contribuições que o movimento anabatista fez:

A. Estilo de vida: seguir a Cristo

- Espiritualidade pessoal, devoção íntima (derivada do misticismo medieval)
- Discipulado e disciplina: santidade e moral pessoal (derivado das correntes mais severas do monaquismo medieval)
- Ética de amor: objeção de consciência, não violência.

B. Eclesiologia: separação do mundo

- Comunidade de irmãos e irmãs: A igreja é livre em dois sentidos: (1) participação voluntária; (2) independência do Estado.
- Solidariedade nas necessidades materiais
- Inconformismo com o mundo; conformismo com as regras da comunidade (note-se outra vez certa influência do monaquismo).
- Células pequenas, íntimas, de compromisso até a morte (por perseguição e clandestinidade). Quase sempre careciam de estruturas maiores do que a célula local (com exceção dos pregadores itinerantes).
- Visão pela evangelização de um mundo perdido.
- Sectarismo: certeza de possuir a verdade que ninguém mais possuía.

C. Hermenêutica: o lugar da Bíblia na igreja

- Apego radical à Bíblia: nem credos, nem papas, nem concílios, mas sim a Bíblia lida por eles mesmos, freqüentemente camponeses simples.
- O lugar para estudo bíblico que podia valer como autoridade: a comunidade de fiéis (no a universidade).
- O princípio cristológico na leitura bíblica. Marpeck: a relação entre os testamentos é de promessa e cumprimento. Conhecer a Jesus modifica todo o demais: ele determina nossa aplicação de todo texto bíblico.

D. Pluralismo.

- Este pluralismo não foi ideológico: Muitos grupos tinham uma mentalidade extremadamente sectária: criam-se os únicos possuidores da verdade cristã.

Os Radicais Suíços: Felix Mantz; Conrad Grebel e Miguel Satler

O movimento anabatista suíço, começou entre os reformadores de Zurique, que apoiavam a Zwínglio no começo, mas que depois começaram a divergir dele, quanto às fidelidades e quanto à última autoridade a que deviam se submeter. Um dos líderes deste grupo era Conrado Grebel (1498 – 1526) um jovem humanista que há pouco havia retornado da

Universidade de Paris. Grebel era de uma família tradicional e importante na vida de Zurique e até mesmo na sua história. Estudou em Basileia e Viena também. Foi influenciado pelo humanista Glareano (1468 –1563), Vadiano (1484 – 1551). Em Paris conheceu a Lefèvre d'Étaples e a Guilherme Budé. Foi influenciado por alguns dos mais destacados humanistas de seu tempo. Quando voltou a Zurique se tornou um dos melhores alunos de Zwínglio que tinha planos para ele e para Mantz no Colégio que pretendia fundar. Quando se casou em 1522, rompeu com seu pai, e passa por uma mudança interior que o faz se tornar um ardoroso defensor da Escritura, a princípio apoiando decididamente a Zwínglio e depois se afastando dele.

Conrad Grebel teve atritos com os monges, invadindo e interrompendo a pregação deles a respeito de venerarem os santos. Apesar de ter recebido uma advertência acabou por prevalecer com o apoio de Zwínglio e quem teve de se adequar foram os monges. Outros e que tinham opiniões semelhantes às de Grebel eram os sacerdotes Simón Stumpf, Jorge (Cajacob) Blaurock, Guilherme Reublin, João Brotli; e Félix Manz, jovem estudante como Grebel, de 20 e poucos anos, filho ilegítimo de um sacerdote

Outra questão foi a dos dízimos, a princípio Simón Stumpf, negou-se a pagar o dízimo e depois diversas comunidades fizeram o mesmo. O conselho da cidade de Zurique negou a competência do bispo neste caso e resolve decidir a questão. Em relação às comunidades, mantém o dízimo mas promete eliminar abusos quanto ao mesmo. Aí começam as separações, Zwínglio apóia o conselho, Grebel ficou com as comunidades. Ele desejava uma igreja livre e reformada a partir da Palavra de Deus e não a partir da autoridade civil.

Um outro ponto de divisão entre este grupo e Zwínglio foi a respeito da eucaristia, mas o tema que selaria a divisão seria o do batismo. Nos primeiros meses de 1524 Reublin e Brotli já pregavam contra o batismo infantil e se negavam a batizar aos recém nascidos nas suas paróquias. Meses mais tarde o grupo escreveu cartas a vários líderes protestantes, expondo suas razões sobre diversos pontos. Quanto ao batismo só para crentes argumentam que pelo batismo o crente passa a fazer parte da comunidade cristã, e que há de ser reflexo de sua experiência e compromisso pessoal.

Apesar de todas as tentativas de Zwínglio e até do Conselho de Zurique, não se conseguia demover o grupo de suas novas posições assumidas. Felix Mantz pede que seja realizado um debate entre os representantes dos anabatistas e Zwínglio, para que o Conselho tome as posições certas. Mas em 18 de janeiro (Dreher diz 15 de janeiro) o Conselho convoca uma reunião mas não permitiu o debate mas sim decidiu que todas as crianças deveriam ser batizadas sob a ameaça de que seriam expulsos os que não obedecessem, e também avisava que usaria a força para que todos se submetessem a esta decisão.

A resposta do grupo de Grebel foi reunir-se para orar. Tinham uma semana para responder. Em 21 de janeiro (ou em 25 de janeiro segundo Dreher), na casa de Felix Mantz realizaram em Zollikon, o primeiro anabatismo, houve o rompimento definitivo com Zwínglio e a Reforma oficial em Zurique. Este batismo não foi por imersão, só o fizeram mais tarde.

Até aqui nunca haviam discutido a questão de se rebatizar adultos, toda as discussões envolviam a questão de batizar ou não crianças recém nascidas. Uma antigüíssima história conservada pelos irmãos hutteritas, nos conta como foi isto.

“Llevaban bastante tiempo reunidos y una profunda angustia se apoderó de sus corazones. Empezaron a doblar la rodilla ante el Dios que es exaltado en los cielos, clamando a él como a quien sabe lo que hay en los corazones de los hombres, rogando que les permitiese hacer su

voluntad divina y que les mostrara su misericordia; porque la carne y la sangre y la imaginación humana no era lo que les impulsaba. Bien sabían lo que tendrían que sufrir y aguantar por causa de ello.

Después de la oración Jorge Cajacob se levantó y le pidió a Conrado Grebel que por amor de Dios le bautizara con un bautismo cristiano verdadero, como consecuencia de su fe y su confesión. Y ya que estaba de rodillas, rogándole con un deseo tan conmovedor, Conrado le bautizó, porque no había presente ningún ministro ordenado para hacer tal cosa. Una vez hecho esto, los demás de la misma manera rogaron a Jorge que les bautizara, lo cual hizo porque se lo pedían. Así con gran temor de Dios se encomendaron unos a otros al Nombre del Señor, se reconocieron mutuamente como ministros del Evangelio, y empezaron a predicar y guardar la fe. De este modo comenzó la separación del mundo y sus obras perversas.“

Em 06 de março de 1526 há o primeiro decreto que estabelece a pena de morte para quem se declarasse anabatista. Felix Mantz, talvez o mais corajoso deles, e um dos mais convictos, ele morreu antes dos 30 anos de idade. Era um evangelista decidido, e trouxe muitos ao modelo de fé, foi muito perseguido, e aprisionado várias vezes até 1526 quando é preso e deveria comer pão e água até que morresse. Mas em 1527 foi condenado a morrer nas águas frias do rio Limmat em Zurique. Foram feitos esforços para demovê-lo de sua fé, mas sem sucesso e assim foi o primeiro, afogado em 05 de junho de 1527. Conrad Grebel adoeceu e morreu um pouco antes.

Depois dos primeiro batismos, continuaram a reunir-se em Zollikon, nas casas para orar, praticarem a ceia do Senhor e depois de algumas semanas, começaram a praticar o batismo por imersão. O resultado imediato foi o surgimento de uma igreja alternativa, e eles se lançaram a um trabalho de divulgação e até mesmo de batismo dos simpatizantes de seu movimento.

Os anabatistas foram pioneiros na reivindicação da separação entre a Igreja e o Estado, queriam liberdade para as comunidades e igrejas de cada povoado em tomar decisões à respeito da vivência da sua fé. A sua atitude de independência em matéria de fé os levou a serem vistos como perigosos agitadores sociais, e parte de seu sofrimento é resultado mais de preconceitos do que questões definidas. Criam que as reformas deveriam ser feitas pelos que estão nas igrejas locais e não pelos que estão nas esferas do poder daquela época.

Mas a sua pregação sempre apaixonada estimulou a ondas iconoclastas e agressões contra os símbolos da religiosidade católica. Esta postura levou a Zwínglio a ficar ao lado do Conselho temendo um possível caos social. Zwínglio a princípio até concordava com algumas posições dos anabatistas a respeito de não terem fundamentos bíblicos certos ritos religiosos da missa, do batismo e da ceia. Algumas reformas ele vai fazer no futuro, mas para Zwínglio a responsabilidade pelas mudanças era do Conselho de Zurique e era seu dever cristão apóia-los e obedecê-los.

Michael Sattler

Depois da morte de Grebel em 1526 e de Mantz em 1527, Michael Sattler se torna o líder mais destacado entre os irmãos suíços, Sattler era grandemente considerado pela sua piedade cristã. Seu martírio ocorreu somente alguns meses em seguida ao de Mantz.

Michael Sattler nasceu aproximadamente 1495 em Staufen perto de Freiburg em Baden. Educado na universidade de Freiburg, Sattler entrou para o mosteiro de St. Peter perto de

Freiburg como monge. Com seus estudos das Escrituras e influenciado pela nova teologia da reforma, Sattler saiu do monastério em 1523 e casou-se com uma freira. Sattler se juntou com os irmãos suíços em Zurique, de onde foi banido em 18 de novembro de 1525. Pregou em vários lugares, indo mais tarde a Estrasburgo na Alsácia, relacionou-se bem no começo com Capito, Zell e Bucer, os reformadores dali.

Em 24 de fevereiro de 1527, Sattler presidiu uma conferência dos Irmãos Suíços em Schleithem, no cantão de Schaffhausen. Ele apresentou nesta conferência uma confissão de fé que foi aprovada por unanimidade e adotada por todos. Ela foi impressa sob título: "Bruderliche Vereinigung etlicher Kinder Gottes" (A União Fraternal de Alguns dos Filhos de Deus), tornou-se a confissão de fé dos irmãos suíços. A confissão foi considerada importante bastante para ser refutada por Zwínglio e por Calvino.

A Confissão Schleithem, em fevereiro de 1527.

Preocupados em definir uma identidade, que possa deixar claro as bases principais de sua fé, ao mesmo tempo em que impediria de serem confundidos com movimentos anabatistas marcados por exageros visionários. Reuniram-se nesta cidade líderes, não se sabe bem quantos ou quais, para tomarem esta posição. Os temas que foram abordados na Confissão foram os seguintes:

1. Afirma-se o Batismo só de crentes
2. A separação dos que caem no erro do pecado, a excomunhão. Aqui simplesmente seguem Mateus 18.
3. O partir do pão. Defendem uma comunhão fechada, ou seja só podem participar os que são membros comprometidos da comunidade e que vivem em santidade.
4. É exigida absoluta rejeição de toda "servidão da carne", deve-se afasta de todo o tipo de pecado, maldade, idolatria e abominação. Inclusive freqüentar bares e cultos tal como o culto das igrejas romanas, luteranas e zwingliana. É proibido o uso de armas até em defesa própria.
5. Cada congregação escolhe seus próprios pastores, que devem gozar de boa reputação dentro e fora da comunidade e, por meio deles, administra sua disciplina.
6. Quanto ao governo civil, diziam ser necessário neste mundo imperfeito, mas o cristão nele não deve participar, nem tomar armas ou lançar mão de coerção,
7. O cristão sempre deve dizer a verdade e não fazer qualquer tipo de juramento.

Michael Sattler foi capturado pelas autoridades católicas romanas austríacas em Horb, em 17 de maio de 1527 e levado para Rottenburg, foi martirizado em 21 de maio de 1527.

"na manhã desse dia este nobre homem de Deus, sofrendo uma horrível tortura, orou pelos seus juizes e perseguidores e admoestou os povos ao arrependimento. Resistiu a tortura inumana estipulada na sentença. Então seu corpo já bastante ferido foi amarrado a uma escada. Orou outra vez pelos seus perseguidores quando a escada foi colocada em cima da estaca. Tinha prometido a seus amigos dar-lhes um sinal da estaca ardente, mostrar que permanecera firme até o final, resistindo a tudo por Cristo. O fogo queimou as cordas que o prendiam permitiu que levantasse uma das mãos para cima dando o sinal prometido. Logo seu espírito ficou livre para estar com Ele a quem tinha sido fiel mesmo da mais extenuante tortura, um herói verdadeiro da fé."

Em seguida ele é aprisionado pelas autoridades austríacas e posto na cadeia, em Rottemburgo (21 de maio de 1527), ele morreu queimado e sua esposa afogada.

Os Radicais Alemães: Baltasar Hubmaier, André Bodenstein de Carlstadt, Thomas Muntzer e a Guerra dos Camponeses

Baltasar Hubmaier (1408 – 1528)

Um outro nome marcante entre os anabatistas foi o do Dr. Baltasar Hubmaier. Ele nasceu em uma aldeia de Friedberg próxima a Augsburg, no seio de uma família de pobres camponeses, sabe-se muito pouco sobre este período de sua vida. Apenas que estudou em Augsburg, onde estudou latim. Mais tarde matricula-se na Universidade de Friburgo, onde o Dr. John Eck, foi seu professor e tutor, este sempre o elogia pelo seu aprendizado. Foi uma época dura ali. Em 1511 torna-se professor de Teologia. O Dr. Eck vai ensinar na Universidade de Ingolstadt, para onde leva Hubmaier tempos depois. Ali em 1512 com 32 anos recebe o seu doutorado em Teologia.

É um intelectual muito bem preparado conhecedor de Bíblia e de várias línguas, chega a ser vice-reitor e sacerdote em sua universidade. Quando nomeado para a catedral de Ratisbona alcança fama de excelente pregador. Por causa da peste sai da cidade para Waldshut próximo a Suíça, em 1520. Há nesta época uma acusação de anti-semitismo contra Hubmaier, que ataca os judeus pelos juros injustos que cobram.

Ele havia estudado na Universidade de Ingolstadt debaixo da orientação do Dr. John Eck, com quem mantinha correspondência. Foi influenciado também pelo humanismo. Estudando livros de Lutero, e mantendo contato com outros reformadores é trazido a posição reformada.

Em maio de 1523 pôs em dúvida o batismo de crianças e chegou a discutir com Zwínglio sobre isto e numa carta comenta que houve simpatia de Zwínglio pela idéia. Depois se afasta de Zwínglio, mas mantém contatos com Thomas Muntzer e depois com Carlstadt que é quem lhe ensina a respeito da Ceia.

Em 1524 escreveu um tratado Sobre os hereges e os que os queimam, neste material ela apela contra a execução de pessoas por causa de sua fé.

Começa a fazer reformas em Waldshut semelhantes àquelas na Suíça, tendo o apoio de todo o povo. Ensinou a orar somente a Deus, abandonou a adoração de imagens, ceia em duas espécies, quase abandona o batismo infantil que é permitido só para os que insistem. Abandona o Sacerdócio Romano, mas é eleito “Ministro do Evangelho” pela comunidade. É pressionado pelas autoridades austríacas a se entregar, chega a fugir, mas volta para Waldshut que tinha se tornado totalmente evangélica e ganha apoio de várias cidades e inclusive dos camponeses com quem Hubmaier sempre se deu muito bem. Em 1525 se casa e em 15 de Abril do mesmo ano recebe a visita de Wilhelm Reublin que havia sido expulso de Zurique, este batiza Hubmaier e mais setenta pessoas.

Convencido a respeito do batismo de crianças ser contrário às Escrituras, toma uma atitude, em 1525 batiza no dia da ressurreição a mais de 300 pessoas, quase toda a sua paróquia. Estabeleceu também um rito simples para a celebração da Ceia, incluindo até a lavagem cerimonial dos pés. Por causa destas mudanças o governo austríaco o perseguiu e tentou várias vezes fazer com que ele fosse expulso da cidade, mas o conselho da cidade e os cidadãos o defendem, mas ele se tornava um perigo para a cidade e resolve fugir junto com sua esposa Hugline, sai de Waldshut no dia cinco de dezembro de 1525 para nunca mais voltar. No mesmo dia em que deixam a cidade, ela é conquistada pela Áustria e obrigada a se tornar novamente católica. Isto consternou os reformadores de todos os lugares e alguns culpam o radicalismo de Hubmaier disto ter acontecido.

Hubmaier, sua esposa e amigos vão para Zurique onde é descoberto e preso poucos dias depois, acusado de estar tentando fazer algo monstruoso. Pressionado em um debate com Zwínglio, mostra que o próprio Zwínglio já havia sido favorável a não batizar crianças, o que irrita muitíssimo ao reformador de Zurique, mas Hubmaier está fraquejando fisicamente, alguns dizem que foi torturado, outros que só a prisão foi suficiente para ele escrever uma retratação onde se dizia convencido por Zwínglio de seus erros, e num culto na Catedral, com duas tribunas frente a frente, ele iria ler a sua retratação diante de todos, mas no dia ele se retrata de sua retratação, volta a ser preso e por fim já exausto volta a se retratar e expulso da cidade em junho de 1526, dali foge para a Moravia.

Acaba por ser aceito em Nicolsburgo onde ficou por um ano realizando um trabalho bem sucedido. Calcula-se que em 1527 já havia uns 12 mil anabatistas ali. No tempo em que Hubmaier ficou em Nicolsburgo ele chega a batizar a mais de seis mil pessoas. E escreve vários tratados sobre o batismo, equiparando-se a Melancton em seu estilo e erudição.

No começo de 1527 surge um problema a respeito da contribuição de impostos militares para defender a Áustria do avanço turco, se os anabatistas deveriam ou não fazer esta contribuição, a posição de Hubmaier foi a de submeter-se a autoridade pois ela foi constituída por Deus. Quando Hans Hut chega a cidade realiza dois debates públicos com Hubmaier, conseguindo convencer a uma parte da população da cidade a respeito de seu pacifismo radical, no qual o cristão não pode se envolver em nada à respeito de guerra, etc. Esta divisão na cidade enfraquece muito a posição de Hubmaier na cidade, o que vai contribuir para o seu posterior aprisionamento. Ambos foram presos pouco depois e Hubmaier foi conduzido a Viena, onde ficou preso 8 meses, mas em 10 de março de 1528, é executado na fogueira, a sua mulher foi afogada alguns dias depois.

O historiador Torbet nos diz que devemos lembrar a Hubmaier pelos 3 princípios que defendeu: Supremacia das Escrituras, Liberdade Religiosa e Batismo dos Regenerados. Hubmaier escreveu vários livros defendendo a fé anabatista, defendia a necessidade do governo civil e a necessidade de submissão a ele, incluindo serviço militar e pagamento de impostos. Para ele a única lei da Igreja é a Bíblia.

Thomas Muntzer

É uma encruzilhada na história, para Lutero tinha parte com o mal, para os anabatistas de Zurique mesmo com ressalvas, era veraz e fiel mensageiro do Evangelho. E assim é visto pela história, uma mistura de enviado de Deus com servo de Satã. O “reformador sem igreja” (expressão de Eric Gritsch) era um teólogo e revolucionário ao mesmo tempo. Conseguiu reunir em si mesmo ambas extremidades, mostrando que não são excludentes, aliás procura fundamentar teologicamente a revolução.

Nasceu por volta de 1490 em Stolberg, na Alemanha. De família burguesa, estudou em Leipzig (1506) e em Frankfurt na der Oder (1512). Depois de abandonar Leipzig assumiu a função de colaborador eclesiástico e de mestre-escola. Em 1513 ou 1514 é ordenado sacerdote. Em 1516 conclui os estudos. Entre 1517e 1518 visita a Wittenberg e até 1520 adere a causa luterana. Neste ano por indicação de Lutero assume como pregador do evangelho na cidade de Zwickau.

Foi em crise que chega a ser luterano, sentindo-se com problemas de consciência, abandonado por Deus, desorientado. Mas foi influenciado pelos místicos alemães e nestes ensinamentos encontrou consolo para a sua alma. Aprendeu que o Deus terno se revela palpavelmente aos seus no mais profundo da alma. O ser humano pode sentir a Deus e ter certeza absoluta.

Depois Muntzer manteve um contato com um grupo de cristãos leigos em Zwickau, estudiosos da bíblia que diziam ter experiências com o Espírito Santo. Com influências taboritas, o grupo tinha a visão de instaurar o Reino de Deus, exigindo vida de testemunho, experiência com o Espírito, eliminar os não crentes.

Um deles era Nicolau Storch, um tecelão que havia estado na Boêmia, onde foi influenciado por doutrinas quiliastas dos Taboritas ainda professados por alguns irmãos boêmios. Era analfabeto, mas sabia citar as escrituras do velho e do novo testamento. Impressionava a todos ao seu redor, classificando suas profecias como inspiradas diretamente por Deus. Muntzer concordava com Storch e sentiu que junto com todos eles era chamado a fundar uma Nova Igreja Apostólica.

Muntzer via a Igreja como uma categoria sociológica para a vida humana em comunhão, antes de tudo uma experiência subjetiva do “Espírito” que antecede a Palavra escrita e que tem de ser despertada. Uma religião imanente que existe na alma humana desde a criação. É este o “Espírito” que se manifesta nos patriarcas, profetas, etc. E esta experiência está disponível a todos os homens, todos podem desfrutar desta manifestação de Deus e isto torna todos os homens iguais, sem diferença de raça ou nação.

O fator determinante para a sua interpretação bíblica era a possibilidade de receber revelações diretas de Deus que teria ascendência sobre a Palavra externa, um texto freqüente entre eles era a respeito de “a letra mata, mas o Espírito vivifica”. O “Espírito” cria uma comunhão dos eleitos e através deles uma nova realidade social. Muntzer via esta comunhão sem classes, sem propriedade privada na igreja primitiva.

“A Igreja é um ideal social, onde inexistem Estado, classes, propriedade privada.” ... “ ‘Igreja’ é para ele a união dos eleitos, através da experiência direta do Espírito e da vontade de Deus, e o estado final perfeito da humanidade, sem intuição estatal, sem propriedade, realizado aqui na terra e que conclui ou encerra a história que até aqui ocorreu (Hinrichs). Igreja é o reino de Deus implantado de maneira definitiva.

A partir daí Muntzer foi se distanciando de Lutero, tem que sair de Zwickau, vai para Praga, Em 1523 começa a pastorear em Allstedt. Institui o culto em alemão, casa-se com uma ex-freira Ottilie von Gersen, com quem teve um filho. Atrai multidões como pregador, vinha gente de diversos lugares, causando a reação dos príncipes católicos que fizeram restrições para seus súditos viajarem para Allstedt. Muntzer chega a ameaçá-los de oposição total e até mesmo rebeldia e desobediência.

“Algumas de suas expressões diziam: ‘Deus deu senhores e príncipes por ter estado irado, mas em tempo Ele os removerá em seu desgosto. Se os príncipes agirem não só contra o evangelho, mas também contra os direitos naturais do povo, devem eles ser estrangulados como cães.’”

Muntzer via-se como um profeta (Malaquias 4.5-6), enviado para conclamar os cristãos a voltarem a ter uma fé pura. Ele entendia que havia sido mandado por Deus para instaurar um novo Reino onde se estabeleceria a igualdade de classes e as pessoas viveram em comunhão de bens como nos dias apostólicos. Cria que este novo reino não seria estabelecido pacificamente, mas sim pela força. Muntzer tinha teorias extraordinárias de como isto se daria: os eleitos de Deus poderiam cada um estrangular a mil inimigos.

Da teoria à ação, em resultado de suas pregações uma capela dedicada a Maria, da qual se diziam haver poder milagroso, foi queimada em resultado de suas prédicas. O processo

decorrente deste incêndio provocou a ira de Muntzer, que achava que a autoridade cristã teria que ficar do seu lado, contra a obra de Satanás – capela de Maria. A autoridade só era reconhecida por ele quando estivesse do lado da sua visão de evangelho.

Por pressão de Lutero foi para Mühlhausen, onde já havia partidários seus. Onde causou tantas tensões que acabou tendo que sair daí. Mas neste tempo já tinha amadurecido as suas idéias e tinha tido uma violenta polêmica com Lutero, e afirma idéias a respeito de uma teocracia socialista. Nela afirma que o poder da espada é da comunidade, o príncipe não passa de um servo da espada. Volta a Mühlhausen para pastorear a maior igreja da cidade, o conselho agora lhe era favorável. Houve a introdução de uma liturgia muito simples, objetos de valor das igrejas vendidos e aplicados com fins públicos, destruição de todos os tipos de imagens, etc.

Muntzer cria que uma voz interior especial ensina a pessoa sobre como interpretar as Escrituras. E que este era o modelo que Deus queria ver implantado na igreja, este tipo de ensino era mais importante do que a conclusão dos teólogos. E tinham mais autoridade do que os ensinamentos oficiais da Igreja. Valorizava os sonhos e as visões. Como boa parte do povo simples e até mesmo dos príncipes de sua época, Muntzer era contrário a tudo que tinha a haver com os sacerdotes, os altares, os quadros, as imagens e o uso de latim nos serviços de adoração. Muntzer assim como Lutero, defendia o uso do alemão, mas Lutero demorou um pouco mais para ter coragem de colocar isto em prática.

Entretanto os camponeses estavam já com sua revolta em curso e obtendo vitórias, vinham se aproximando de Mühlhausen, Muntzer já havia preparado a cidade para aderir a Revolta dos Camponeses, já havia profetizado a vitória da revolução das classes trabalhadoras. Insuflava o povo a destruírem totalmente os ímpios e conquistarem seus castelos.

Nos últimos meses de vida foi amargurado, rompido com Lutero, com os príncipes da Saxônia. Ficou ao lado do povo, transformou-se em importante agitador e pregador dos camponeses da Turíngia. Faltava-lhe conhecimento militar e político para liderar a revolta, foram enfrentar os exércitos da nobreza com oito canhões sem munição, bandeira com o símbolo do arco-íris e uma espada. Pregou com veemência, convenceu os camponeses, mas perdeu a guerra na Batalha de Frankhausen em 15 de maio de 1525, cinco mil camponeses morreram e apenas 6 soldados, foi preso, torturado e decapitado em 27 de maio de 1525.

ANDREAS BODENSTEIN, de CARLSTADT

Nasceu em Carlstadt em 1477, estudou filosofia, jurisprudência e teologia em Colônia, Erfurt e Wittenberg. Depois de 1507 foi professor assistente na universidade de Wittenberg. Em 1510 teve o título de Doutor em Teologia. Também foi decano na Faculdade de Teologia de Wittenberg e Diácono na Igreja do Castelo. Secretamente recebeu o título de Doutor de Jurisprudência, em Roma. Melancton o chamava de ABC, pelas iniciais do seu nome. “Era de caráter grave, sombrio, talvez propenso à inveja, e de um espírito inquieto, porém cheio do desejo de aprender e dotado de grande capacidade.”

Em 1517, Carlstadt publicou uma série de teses sustentando que a autoridade das Sagradas Escrituras estava acima da dos pais da Igreja. Quando a Reforma começou em 1517, postou-se ao lado de Lutero, defendendo suas idéias e teologia. Quando o Dr. Eck publicou seus Obeliscos atacando a doutrina de Lutero, Carlstadt saiu em sua defesa, respondendo e atacando Eck. Como Lutero, Carlstadt era apaixonado pela doutrina da Graça e admirador de S. Agostinho. A situação belicosa entre Eck e Carlstadt foi crescendo a tal ponto que foi marcado um debate entre os dois em Leipzig, tudo correu de tal forma que desde a história sobre o

acidente de Carlstadt até o final do debate, Carlstadt foi ficando para segundo plano, enquanto que Lutero se tornava o centro das atenções. Os dois lados cantaram vitória nesta disputatio.

Data desta época uma descrição de Carlstadt citada por J. H. Merle D'Aubigné,

“Carlstadt é mais baixo: tem o rosto moreno e queimado; sua memória não é tão segura como a de Lutero, e mais também do que ele é propenso à cólera. Todavia, ainda que em grau menor, se encontram nele as qualidades que distinguem seu amigo.”

Carlstadt praticamente some no período posterior, ficando em posição secundária durante muito tempo. Até que na ausência de Lutero ele e Melancton começam a tomar a frente da Reforma em Wittenberg, Carlstadt foi envolvido pelo clima de reformas e acaba tomando posições radicais de mudanças rápidas, sofre também a influência dos Profetas de Zwickau que convence a Carlstadt de suas posições quiliastas e visionárias, assim Carlstadt começa discordando de Lutero e do príncipe eleitor. Uma questão muito importante para ele era sobre a missa. Era zeloso reto e pronto a se sacrificar pelo que achava certo, mas não era moderado em suas posições. Estava impaciente, percebendo que tudo mudava a seu redor, ansiava por mudanças mais profundas na vida religiosa de sua cidade. Cria que tinha a obrigação de ajudar a Deus a realizar a sua obra.

“A linguagem do arcediogo contaminava os outros com a impaciência que ele sentia. “Tudo quanto os papas tem ordenado é ímpio, diziam certos homens íntegros e sinceros que lhe seguiam o exemplo. Não nos tornemos partícipes dessas abominações, consentindo que subsistam por mais tempo. Aquilo que é condenado pela Palavra de Deus devia ser deitado por terra em toda a Cristandade, sejam quais forem as ordenanças dos homens. Se os chefes do Estado e da Igreja não cumprem o seu dever, cumpramos o nosso. Renunciemos a todas as negociações, conferências, teses e polêmicas e apliquemos o remédio eficaz para a cura de tantos males.”

Frederico de Saxônia não estava de acordo com estas medidas e pediu calma e moderação, mas Carlstadt persistiu em seu objetivo. Começou a atacar a prática da confissão, o jejum, e o costume de não servir o pão e cálice juntos na eucaristia. No dia anterior ao natal de 1521, ele celebrou a Ceia sem as vestiduras típicas do sacerdote e eliminou a elevação da hóstia. Estimulou a todos que participassem da ceia tomando em suas mãos os dois elementos, o que criou alguns traumas para as pessoas que tinham em mente ainda o velho modelo.

Carlstadt era mais agressivo que Lutero quanto à por em prática as novas doutrinas. Carlstadt não apenas escreveu contra o celibato mas adotou uma posição ainda mais extrema que Lutero dizendo que para o sacerdócio deveriam aceitar-se apenas homens casados. O resultado foi que alguns sacerdotes começaram a casar-se.

Lutero reprimiu as reformas impostas em Wittenberg com apenas alguns sermões, isto foi levando Carlstadt a um afastamento progressivo. Carlstadt se dirige a Orlamunde, onde era titular da igreja paroquial. Ali começou a colocar em prática sua teologia do sacerdócio de todos os crentes, e a pregar e escrever livros que punham reparos ao sola fide de Lutero, colocando a necessidade de santidade e de uma vida mais mística do crente. Ele foi influenciado aqui pela Teologia Alemã.

Após isto começou um debate, em forma de livretos, com Lutero a respeito da presença real de Cristo na ceia, doutrina que Carlstadt era contra. Enquanto isto foi abandonando as vestimentas sacerdotais, pedindo para ser chamado de irmão André, desaconselhando os estudos teológicos e dando ênfase na vida simples. Não fazia mais batismo de recém nascidos.

Sua teologia de justiça social ainda que vétero-testamentária, começou a se aproximar muito da teologia de Muntzer. Apesar de que Orlamunde não quis entrar em aliança com Allstedt naquele socialismo evangélico. Mesmo assim Lutero perseguiu a Carlstadt que se vê obrigado a deixar a cidade e ir para várias cidades, indo até contatar os anabatistas de Zurique.

Por fim vai parar na cidade de Rotemburgo, onde tenta desenvolver um papel de mediador não muito bem sucedido. Não se envolveu com o tumulto social, mas pregava sobre justiça social e moderação evangélica. Mas com a agitação social em torno da cidade já tomando a cidade, um sermão seu serviu de pretexto para uma agitação iconoclasta, que levou as autoridades a expulsarem da cidade uma série de camponeses, Carlstadt sentiu-se no dever de ser o seu capelão, mas mal saiu da cidade começou a experimentar a violência dos camponeses, ele era um intelectual educado que se esforçava para se identificar com os camponeses, mas não era um agricultor.

Houve uma troca violenta de palavras entre ele e um mercenário a serviço dos camponeses na porta da cidade, este sacou uma adaga e tentou esfaquear a Carlstadt, que conseguiu desviar dos golpes. Logo depois escreve uma carta aconselhando os camponeses a tomarem cuidados com os seus excessos, pois a mão de Deus poderia virar contra eles. Depois disto não teve mais a simpatia dos camponeses.

Carlstadt voltou a Rotemburgo onde continuou a tentar auxiliar a Revolta dos Camponeses, mas as pressões de ambos os lados, de camponeses a patrícios, o fizeram fugir em um cesto pela muralha da cidade, e volta a cena apenas em Basileia onde desenvolve a sua teologia eucarística, escreve livros que vão influenciar anabatistas suíços e outros. Ensina na Universidade. Onde morre em 1541.

A Rebelião dos Camponeses

A precária situação econômica dos camponeses constituía um elemento explosivo que podia conduzir a uma rebelião fanática. A maioria dos camponeses via-se forçado a arrendar terras de outros para sobreviver. Esta relação com os proprietários era muito tensa. Estavam sendo explorados pelos proprietários que agora os proibiam de pastorear o seu próprio gado, usar lenha e até mesmo pescar e caçar.

Os camponeses haviam lutado para obter justiça social já há muito tempo. Queriam uma justiça simples nas relações econômicas com os proprietários. Mas mesmo assim o povo era muito religioso e alguns religiosos tinham muita identificação com o povo por terem vindo da mesma origem social. A doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes, acabou por ser muito apelativa para os oprimidos porque trazia a idéia de que todos os homens eram iguais.

Os camponeses se revoltaram em junho de 1524, depois de mais uma medida extrema do governo que lhes impediu de colher o que plantaram. O movimento se espalhou rapidamente, na primavera do ano seguinte já tinha se espalhado por toda a Alemanha.

Os Doze artigos

Os camponeses prepararam vários documentos para explicar o motivo de seu protesto. Talvez o mais importante deles foi os Os Doze artigos, escritos em 1525. A insistência dos reformadores, inclusive Lutero, na autoridade Bíblica para ser a reguladora dos relacionamentos sociais, influenciou os camponeses de tal forma que este artigos vinham juntos com uma extensa citação de versículos para dar base para suas reivindicações.

O texto deste Os Doze artigos era muito simples e objetivo, tinha a ver com aquelas demandas mais antigas dos camponeses, falava sobre as mútuas obrigações neste relacionamento com os proprietários de terra. Pediam sobre eliminar o dízimo generalizado com exceção do dízimo do grão principal porque criam que aí haveria base bíblica para exigir-lo. Pedem permissão para caçar e pescar e o uso da água, o desejo dos camponeses era voltar ao relacionamento seguro das práticas antigas. Nos artigos que falam sobre religião afirmam não querer revolução mas o simples executar da justiça cristã.

A preocupação dos camponeses em se vincular a Escritura era tanta que num dos artigos expunham que se algum destas reivindicações provassem não serem sustentadas bíblicamente, este artigo seria revisto. Baltasar Hubmaier durante muito tempo foi visto como o autor destas reivindicações, mas ele admitiu isto em 1528 em Viena debaixo de tortura. Provavelmente (segundo George Willians) ele foi um revisor dos doze artigos.

Mas os que possuíam a autoridade não queriam abrir mão dos seus direitos que julgavam posses suas. Além do fato de desprezarem e odiarem uma classe social inferior. O resultado foi horrível, trataram os camponeses com desprezo e não os respeitaram, os trataram com violência que gerou outra violência, completamente diferente do equilíbrio visto nos artigos, e provocaram uma carnificina descontrolada de ambos os lados.

No início parecia que todas as profecias haveriam de se cumprir. O fim dos tempos havia chegado e Deus iria usar os camponeses para estabelecer seu novo reino aqui na terra. Os camponeses iam de vitória em vitória saqueando igrejas, propriedades particulares e de autoridades eclesiásticas. Destruíam imagens e relíquias, profanavam o sagrado. Mas quando as tropas imperiais que estavam na Itália puderam retornar, os príncipes ajuntaram seus exércitos para sufocar a rebelião. Então começou uma carnificina tal que sufocou a revolta num mar de sangue.

CONCLUSÃO

Ao mesmo tempo em que a Confissão de Schlatt e os Doze Artigos tinham pontos de vista bastante diferentes, no sentido de que a primeira se opunha a toda forma de violência, ao mesmo tempo em que convidava o crente a sair deste mundo, e a segunda defendia o direito do camponês, desafiando os senhores feudais e se comprometia a buscar mudanças neste mundo e não a fugir dele.

Ambas, tinham o mesmo transfundo cultural, econômico e social. O mesmo povo estava por trás das reivindicações. As causas do movimento anabatista e da guerra dos camponeses são muito semelhantes. As classes mais baixas da sociedade alemã e suíça estava há muito sofrendo os rigores das mudanças sociais e econômicas. Sofriam fome, frio, má nutrição e constantemente eram por demais explorados e exigidos no trabalho.

O povo já há muito tempo necessitava de um socorro, e foram despertados pelos ensinamentos de Lutero, Zwínglio e outros pregadores de que o seu sonho era possível. Mas não queriam de ter de esperar um outro século para serem satisfeitos. O ensino sobre o sacerdócio universal de todos os crentes, deu a eles de volta a dignidade perdida, todos os homens eram iguais e isto tinha para eles implicações sociais bem definidas. A religião simples, bíblica e numa língua que pudessem entender os motivou a se verem novamente parte da história e despertou desejos adormecidos naqueles corpos e naquelas almas. O problema era que a Reforma Magisterial não queria ou não podia satisfazer ao povo sem perder o apoio da nobreza, fundamental para sua implantação.

Aí entram os Anabatistas e todas as forças que vem compor o quadro da Revolta dos Camponeses. Estavam prontos a escutar e se envolver em qualquer movimento radical que se apresentasse, não tinham outras opções.

Muitos dos primeiros líderes, como Carlstadt, Mantz e Grebel, eram de formação acadêmica elevada, alguns de formação humanista. Estavam preparados para fundar e liderar um movimento de tal envergadura. Mas a maioria dos líderes anabatistas morreu jovem. Os novos líderes já não tinham a mesma formação e acabaram escolhendo um caminho cheio de exageros, visões milenaristas, alimentando a ilusão do povo.

O movimento anabatista espalhou-se muito rápido e em meio àquela época de distúrbios religiosos despertou muita oposição. Lutero dizia que os pregadores anabatistas itinerantes eram emissários do diabo. Lutero e Melanchton criam que era preciso medidas severas, até mesmo a execução para deter este movimento. A maioria dos reformadores aconselhava o Estado a agir com mão de ferro contra estes hereges.

O século XVI vê a Reforma Protestante, que começou motivada por sonhos pessoais, por erudição, busca de mais profundos conhecimentos sobre as doutrinas cristãs a partir das escrituras. Vê agora esta Reforma ser banhada em sangue, e rasgada de parte a parte. Seria normal que todo o sonho dos anabatistas e dos camponeses fosse extinguido, mas o sonho parece que é feito de um material que nem o sangue derramado pode destruí-lo.

Muitos anos depois esta visão renasce das cinzas, nas igrejas separatistas da Inglaterra, nas comunidades menonitas e diria até nos movimentos marxistas, na Teologia da Libertação e no movimento dos direitos humanos dos séculos mais recentes. Parece que neles se encontra a mesma raiz, o mesmo sonho, a mesma fé para construir o mundo de novo, com erros e acertos, mas construído pela mão do homem, pelo coração que não se deixa calar, e abençoado pelo olhar de Deus.

BIBLIOGRAFIA

- D'Aubigné, J. H. História da Reforma do Décimo Sexto Século. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.
- Dreher, Martin N. A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Coleção História da Igreja).
- Elton, G. R. A Europa Durante a Reforma 1517 – 1559. Tradução de Ana Hatherly. Lisboa: Editorial Presença.
- Faircloth, Samuel D. Esboço da História dos Baptistas (súmula do livro A History of the Baptists por Robert G. Torbet). Leiria: Edições Vida Nova. 1959
- Schaly, Harold. Os Anabatistas. Apostila não publicada.
- Walker, W. História da Igreja Cristã. Tradução D. Glênio Vergara e N. Duval da Silva. São Paulo: Aste e Juerp. 1983
- Wenger, John Christian. Compendio de Historia y Doctrina Menonitas. Traduzido por Ernesto S. Vilela. Buenos Aires: La Aurora, 1960
- Willians, G. H. La Reforma Radical. México: Fondo de Cultura Económica. 1983

PESQUISA NA INTERNET

- <http://www.anabaptists.org/history> (várias páginas)
- [http://www.anabaptists.org/Anabaptists Separate by Choice, Marginal by Force.htm](http://www.anabaptists.org/Anabaptists%20Separate%20by%20Choice,%20Marginal%20by%20Force.htm)
- <http://www.wittenberg.de/e/seiten/st011000.html>
- <http://www.hccentral.com/nelson1/index.html#toc>
- <http://www.menonitas.org/anabaptistas>
- <http://www.bible.org/docs/history/schaff>
- http://www.sobreestapiedra.com/archivo_historia_cristiana/estep